

# Religião e performance ou as performances das religiões brasileiras

EDIÇÕES  Casa de Rui Barbosa

coleção FCRB  3



## Eterno quarup, patrimônio da cultura xinguna

Regina Abreu<sup>1</sup>

Julho de 2003. Depois de percorrer por quase vinte horas uma estrada que liga Brasília à cidade de Canarana, atravessando o Estado do Mato Grosso, tomo um monomotor em direção ao Posto Leonardo no Parque do Alto Xingu. É realmente impressionante divisar do alto a devastação florestal no entorno do parque. O piloto adverte que o desmatamento tem sido crescente, principalmente depois que assumiu o governo do estado do Mato Grosso o atual governador, Blairo Maggi, considerado “o rei da soja”. “Concedendo grandes incentivos ao plantio da soja, ele está queimando tudo em volta” – alerta o piloto. “Agora, só tem mata onde ficam os índios.” De fato, constato estupefata a desertificação de grandes áreas no entorno do parque. Esta constatação serve como um balde de água fria para a minha ingenuidade. Efetivamente, eu não imaginava encontrar esta situação. Imaginava, pelo contrário, encontrar como há anos atrás, uma grande floresta habitada em seu centro por povos indígenas. Estou indo documentar e assistir ao ritual do quarup em homenagem a Orlando Villas Boas, o grande sertanista, defensor dos índios e criador do Parque do Xingu, que faleceu há um ano. A aldeia onde o ritual se realiza é a aldeia Yawalapti do tronco Aruák. Índios das quase trinta aldeias que habitam o parque irão participar do ritual, prometendo fazer deste quarup um dos maiores e mais importantes já ocorridos no Alto Xingu. Atualmente, são mais de 2 mil índios que habitam o parque e que lá estarão. Além disso, estarão presentes muitas autoridades, jornalistas nacionais e internacionais, antropólogos, médicos, pesquisadores, representantes de ONGs. Enfim, ironia do destino... Num ritual voltado para homenagear postumamente os grandes caciques, será um líder não índio o grande homenageado. Mas, de fato, num mundo onde as fronteiras da civilização ocidental chegaram a empurrar as sociedades indígenas para

<sup>1</sup> Regina Abreu é professora do Mestrado em Memória Social e Documento, da UnIRio.

limites tão tênues como os que diviso do alto do monomotor, parece-me estratégica a homenagem a Orlando Villas Boas. Afinal, sua ação é bastante reconhecida pelos próprios índios como de defesa firme dos seus interesses. Olhando aqui de cima, fico mesmo a pensar: diante de tamanha devastação do meio ambiente provocada pelas elites locais, haveria povos indígenas nesta região sem a ação de Orlando Villas Boas e seus irmãos?

Chego no primeiro dia do quarup. Os preparativos já vêm sendo ultimados há quase um mês. Os Yawalapti e as aldeias parceiras, Waurá, Meinakó, Kuikuro, Kamayurá, já se encarregaram dos detalhes para receber bem os visitantes. Os homens fizeram pescarias, as mulheres prepararam grandes quantidades de farinha de mandioca, moquearam os peixes e confeccionaram muitos beijus. Os povos do Alto Xingu são grandes anfitriões e se preocupam para que não falte alimento. Novas malocas surgiram na paisagem para que visitantes das aldeias próximas pudessem armar suas redes. Algumas famílias foram convocadas pelo cacique para disponibilizarem suas moradias para o repouso dos visitantes não índios.

Logo aprendo que não se *assiste* a um ritual do quarup no Alto Xingu, mas que dele se *participa* ativamente, ainda que sejamos neófitos no assunto ou que ali estejamos pela primeira vez. O ritual se processa de forma ininterrupta, do alvorecer ao anoitecer, e dele somos todos atores voluntária ou involuntariamente.

– Kuka Hitchúti? Kuka Hitchúti? – cumprimentava-me o velho falante de Yawalapti nas primeiras horas da manhã, quando o sol ainda nem bem havia nascido. Kuka Hitchúti, que quer dizer: “Você já abriu os olhos?”, uma maneira diferente de dizer o nosso “Bom dia”. Você já abriu os olhos? Já olhou o dia? Então, é hora de banhar-se. “Vai banhar? Vai banhar?”, indagava a pequena menina yawalapti que me acompanhou doce e insistentemente desde o dia de minha chegada até o de minha partida. E eu que na verdade adoraria permanecer um pouco mais no quentinho da rede, não via alternativa senão seguir a determinação de um fluxo coletivo para o qual importam pouco as idiosincrasias ou preferências individuais. No Xingu, hora de banhar é para todo mundo. E lá ia eu enfrentar o frio das manhãs do Xingu fazendo o que toda a aldeia faz pela manhã: tomar banho. As mulheres ainda aproveitam para lavar peças de roupa e encher grandes panelas de alumínio com água. Depois, mergulham e saem da água com as panelas cheias no cocuruto da cabeça, transportando-as para suas ocas. Desta primeira miragem do cotidiano no Alto Xingu, tem-se a

impressão que as mulheres carregam peso demais. Andam longas distâncias com as panelas na cabeça, muitas vezes trazendo os filhos no colo. Os homens caminham ao lado quase sempre de mãos vazias. Contudo, elas parecem à vontade e estão sempre a sorrir. Caminham ligeiro. De longe, seus passos me lembram aos de jovens japonesas, passos miúdos e rápidos, fazendo todo o corpo gingar. Os corpos são elementos centrais da paisagem xinguana. Como assinalou Eduardo Viveiros de Castro e Michael Heckenberger, “as categorias de identidade – pessoal, social e cosmológica – são freqüentemente expressas através do idioma do corpo, e as representações e disposições do corpo representam uma forma de memória coletiva: uma história inscrita no corpo”.<sup>2</sup>

Em época de quarup, os corpos adquirem importância central e vão sendo pintados com tinta de jenipapo e de urucum, com grafismos inspirados nos peixes da região. Durante o banho, é possível ver alguns corpos já pintados.

Terminado o banho, as famílias vão cuidar de seus afazeres cotidianos. As mulheres preparam o beiju, que pode ser servido puro ou com peixe. As famílias fazem sua primeira refeição do dia e as mulheres oferecem generosamente aos visitantes os seus alimentos. Com este oferecimento, elas esperam reciprocidade. Adoram permutar e provar alimentos diferentes que o visitante sempre traz consigo. É a Lei de Mauss do “Ensaio sobre a dádiva”: dar, receber e retribuir. As crianças adoram provar os doces e as balas. As mulheres me perguntam se eu trouxe macarrão.

Entretanto, nossa presença, ainda que com doces, balas e macarrões, não parece alterar a férrea disciplina da aldeia, principalmente a das mulheres que passam de uma tarefa a outra, desempenhando papel central na vida das famílias. Depois de preparar o beiju, o caldo de peixe e o mingau de mandioca, depois de servi-los para os homens, as crianças e os visitantes, elas se dirigem para fora das casas para ralar mandioca, preparar o sal do aguapé ou buscar mais mandioca. As que saem para colher mandioca nas plantações próximas levam grandes bacias e panelas de alumínio, transportando-as no alto da cabeça. É no mínimo surpreendente vê-las voltando tempos depois, equilibrando as tais grandes panelas e bacias de alumínio com quilos de mandioca. Eu diria mesmo: é estarecedor. “Como podem agüentar tamanho peso sobre a cabeça?” Mas, lá vêm elas em seus

<sup>2</sup> FRANCHETTO, B.; HECKENBERGER, M. *Os povos do Alto Xingu*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001. p. 13

passinhos miúdos e ligeiros, desfilando ágeis e lépidas, atravessando de um canto a outro todo o pátio da aldeia para retornar à área externa da oca, de onde vieram. Ao passarem, cruzam com dois tocadores de flautas que, no meio da manhã, equilibrando à sua frente enormes flautas de madeira, já começam a fazer suas evoluções anunciando que o ritual do quarup está começando. Os flautistas são seguidos cada qual por uma jovem, que os acompanham segurando com a mão direita em seus ombros direitos. Eles estão todos pintados com urucum e jenipapo. Em volta dos olhos, uma enorme máscara preta espalha-se pelo rosto. No alto da cabeça, um cocar de penas de arara, amarelas, vermelhas e azuis, confere dignidade e rara beleza. O corpo atlético do jovem flautista está coberto de tinta vermelha e preta e traz na cintura uma cinta tecida de linha em cores fortes – vermelho, amarelo, azul. Seus braços são musculosos e nota-se a dificuldade em sustentar e ao mesmo tempo tocar as pesadas flautas. Soprando-as com vigor, eles parecem misturar-se às flautas, aos gestos, à paisagem da terra vermelha do pátio da aldeia. Assim pintados, soprando as flautas e fazendo evoluções, os flautistas são personagens que anunciam o tempo do quarup. As meninas estão bem menos pintadas. Seus rostos trazem apenas pequenos traços embaixo dos olhos. Contudo, longas franjas encobrem parte dos olhos e seus longos cabelos negros cobrem seus pescoços e ombros. São também personagens. Marcham rápidas e cabisbaixas. Não se exibem. Cumprem uma rotina quase monótona, marchando sempre para a frente, ao som das flautas. O espetáculo é de rara beleza. Vislumbra-se o contraste entre os flautistas atléticos, com suas cores fortes, e as meninas correndo suaves atrás deles, com seus corpos muito brancos, quebrados apenas na cintura por uma cinta de amarelo muito claro, quase esmaecido. Uma longa e fina pluma adorna a parte de trás da cinta na altura do quadril, completando a beleza do conjunto. A dança dos casais tem um aspecto quase marcial, é uma dança-marcha implicando um caminhar que segue sempre para a frente.

Os tocadores de flauta vão entrando nasocas, onde também tocam suas longas e pesadas flautas e dançam sua dança-marcha. Entretanto, os moradores não parecem admirados com as visitas daqueles corpos dançantes que entram e saem de suas casas. Continuam fazendo seus afazeres. Cada qual se preocupa com sua atividade ou com seu papel dentro do espetáculo – um espetáculo que parece mesclar a vida na aldeia e o ritual do quarup. Total interpenetração entre estes dois mundos – o do cotidiano e o do extraordinário da festa. Apenas as crianças se deixam levar pela dança ritmada e pelo

som das flautas, saindo atrás dos dançarinos e imitando-os. Os adultos se limitam a emitir curtos e fortes gritos, anunciando o início do quarup. Durante todo o primeiro dia do ritual, que dura dois dias, os jovens tocadores de flauta com as jovens dançarinas fazem parte da paisagem do cotidiano da aldeia, com seus passos e evoluções.

Há uma relação singular entre dois tempos, o tempo do cotidiano da aldeia – tempo dos afazeres domésticos – e o tempo do extraordinário – tempo do quarup. Na aldeia Yawalapti, onde ocorre o ritual, os índios estão em suas casas, onde vivem com suas grandes famílias. Em cada casa, cerca de vinte pessoas dormem, comem, fazem artesanato, trabalham preparando os alimentos, cuidando das crianças. Fora da casa, os índios saem para pescar, vão buscar raízes e frutos na mata. Enfim, continuam suas tarefas ordinárias. Elas devem conviver com as tarefas do quarup. O cacique Arítana já encarregou cada membro da aldeia para dar conta dos afazeres da festa. Na casa onde estou, um senhor muito simpático me lembra o personagem Dersu Uzala do filme de Kurosawa. Ele me mostra uma grande área ao fundo da oca, onde há uma boa quantidade de peixe moqueado que ele preparou para o quarup. “Este peixe é para os visitantes”, diz ele, “vem muita gente, eles já estão chegando, os waurá, os meinako, os kuikuro, os kamayurá [...]”. Seu nome é Makuko, nome de ave. Logo, percebo que ele é um soldado do quarup. A ele foram designadas tarefas de bastidores para fazer funcionar a produção do ritual. Makuko trabalha muito, está sempre ocupado, pega lenha na mata, faz fogo para cozinhar e resolve toda a sorte de problemas domésticos. Seguindo a cosmologia do Xingu, ele é – digamos – um “comum mortal”. Talvez por isso tenha um nome de ave e não de peixe. Segundo a literatura sobre o Xingu, o domínio dos peixes é o domínio do primordial, onde habitam os espíritos dos poderosos – aqueles ligados ao saber original, descendentes da linhagem que testemunhou a ruptura da hominização, quando o ser supremo criou o universo e a terra. O domínio dos pássaros é para onde vão as almas dos homens comuns. O ritual do quarup é sempre uma homenagem póstuma aos grandes chefes, aos poderosos. A ligação destes com os peixes faz com que nesse período se pratiquem grandes pescas para alimentar com peixes os anfitriões e os visitantes do quarup. Homens como Makuko, que não fazem parte das estirpes dos grandes chefes, após a morte serão homenageados com outros rituais próprios para os homens comuns. O ritual do Jawari, por exemplo, no

qual as effigies dos mortos são queimadas, seus corpos agredidos e servidos como alimentos aos pássaros.<sup>3</sup>

A relação do ordinário com o extraordinário durante o ritual do quarup é singular. Não se trata de um momento de ruptura, em que todas as atividades ordinárias estejam suspensas, como Victor Turner descreve em outros rituais. No caso, o ordinário não se encontra suspenso, mas redefinido, reconfigurado, ressignificado. Em primeiro lugar, o ritual acarreta um significativo aumento de tarefas ordinárias. É preciso alimentar a aldeia e os visitantes. É preciso dar conta das atividades extraordinárias e ordinárias. Desse modo, a vida cotidiana parece se mesclar com as atividades rituais, em vez de se distinguir delas.

Falar do quarup como uma *performance* é portanto falar também do dia-a-dia na aldeia, da participação de cada um e de todos, inclusive da nossa – visitantes sempre extasiados com a beleza e com a excentricidade desse ritual praticamente eterno, de um Xingu que parece desafiar a todos com uma combinação muito *sui generis* entre simplicidade e sofisticação.

De fato, talvez o aspecto distintivo que mais configure uma mudança na paisagem da aldeia durante o período do ritual seja a presença dos visitantes. Eles surgem de todos os lados. Índios das aldeias próximas chegam em bandos de caminhão, de bicicleta e até de avião. Mulheres, crianças, jovens, velhos; quase todas as cerca de 30 aldeias do Xingu se fazem presentes. Além disso, são muitos os “caraíbas”, como eles chamam o branco. Estão presentes familiares de Orlando Villas Boas, sua viúva, seus dois filhos, amigos da família, fotógrafos, jornalistas, representantes de ONGs, agentes de saúde, autoridades nacionais e estrangeiras. A presença do outro na aldeia yawalapti talvez seja o elemento mais importante em termos de distinção entre a vida ordinária e a extraordinária. Eles continuam fazendo suas tarefas ordinárias, participam do extraordinário da festa, mas efetivamente eles estão sendo olhados, filmados, fotografados, entrevistados, esquadrinhados. E todos estão atentos com relação a este olhar do outro sobre si. Há muito tempo que eles sabem o que isto significa. Há televisão na aldeia. Há índios que filmam e que fotografam. E eles adoram lidar com vídeo e televisão. Não me parece exagero dizer que eles estão representando, posando, falando para nós, para nossos registros, nossas lentes. Eles

<sup>3</sup> BASTOS, Rafael José de Menezes. Ritual, história e política no Alto Xingu: observações a partir dos kamayurá e do estudo da festa da jaguatirica (Jawari). In: FRANCHETTO, B.; HECKENBERGER, M. *Os povos do Alto Xingu*.

parecem gostar disso. Ao colocar a câmera em sua direção, eles sorriem e a encaram. As mulheres talvez menos, são mais envergonhadas; mas os homens são destemidos diante dos *flashes* e assédios dos fotógrafos, cinegrafistas e jornalistas. Eles gostam de dar entrevista, conhecem o poder da mídia. Querem fazer uso desse poder. Eu diria, portanto, que neste quarup, além do elemento novo que é a homenagem a um branco, um “cacique branco”, Orlando Villas Boas, temos presente a *performance* das câmeras, dos olhares dos outros sobre eles. E este é um elemento que precisa ser analisado numa antropologia da *performance*.

O ritual é comandado pelo cacique Aritana. É hoje uma importante liderança indígena no Alto Xingu, assim como seu irmão Piracumã Yawalapti. Piracumã é o idealizador das Olimpíadas dos Povos Indígenas, implantada em parceria com Pelé, quando este era ministro dos Esportes. As Olimpíadas visam difundir as artes marciais e os esportes indígenas. Aritana e Piracumã são os grandes anfitriões do quarup de Orlando Villas Boas. Particularmente, Aritana é o grande comandante. No centro da aldeia, a casa dos homens virou palco para as grandes *performances*. Lá está Aritana, pintado de urucum e jenipapo, com seu cocar de penas amarelas, seu colar de concha de caramujo, usando uma fita vermelha na cintura, andando de um lado para outro, falando em seu rádio portátil e gesticulando muito. Todos os preparativos, todas as decisões, todas as principais intervenções passam por ele. Aritana está atento a tudo o que se passa. Enquanto isso, os pajés rezadores já começaram a tocar suas maracas e a cantarem em volta do tronco, que ali foi colocado no dia anterior. O canto é monótono e triste e os pajés rezadores balançam o corpo para a frente e para trás, parados no mesmo lugar. Sob as ordens de Aritana, alguns índios começam a raspar o tronco e a prepará-lo para a pintura. No centro da aldeia, são muitos os repórteres e cinegrafistas. Eles também fazem parte da cena, também fazem sua *performance*, participam ativamente do ritual. Lá está a Globo, a Bandeirantes, uma TV francesa, fotógrafos alemães, ingleses, brasileiros, representantes do governo britânico, o embaixador do Canadá, produtores independentes, um cineasta que roda um filme sobre Orlando Villas Boas e, talvez um dos pontos mais curiosos, um cineasta que roda um filme sobre Mário Juruna e que trouxe o filho de Mário Juruna para produzir uma cena dele participando do ritual. Sou apresentada ao tal cineasta, que nos revela seu grande feito. Segundo ele, os xavantes nunca haviam participado antes de um quarup no Xingu. Dele partiu a brilhante idéia. Irá congrega-

simbolicamente xavantes e xinguanos, grupos nem sempre de muito boas relações. Flagro o cineasta apresentando o filho de Mário Juruna ao cacique Aritana. Chegaram há pouco. Aritana dá as boas-vindas, convida o rapaz a participar da festa. Gestos amistosos. Aritana pede licença para falar no rádio. Fala na língua. Eu não entendo. “Era o Raoni, diz ele, virando-se para mim. Não poderá vir. Tempo da caça na aldeia. Ele tem que ficar. Eles caçam muito jaboti.” Aritana pede licença e se afasta. Os pajés-rezadores continuam tocando.

Os índios agora já raspam o tronco e iniciaram sua pintura inspirada num grafismo de peixe, signo do quarup. Deste momento em diante, ocorrem as clássicas manifestações do ritual. O cacique Aritana enfeita o tronco com o cocar próprio dos caciques, de penas amarelas e azuis, o arco, as flechas, os colares, os adereços. A viúva e seus filhos abraçam o tronco e choram, enquanto muitos outros caciques e índios abraçam-se a eles e ao tronco, num esfregar de corpos que se amontoam e caem uns sobre os outros. As velhas índias choram sentadas em volta do tronco e chega-se a ter a impressão de que elas serão amassadas por toda aquela gente. Misturados a todos estes corpos estão os cinegrafistas e fotógrafos quase agarrados ao tronco, também caindo por cima da viúva de Orlando, seus filhos e demais participantes do ritual. A intensidade emocional é muito grande e tudo é registrado pelas lentes de fotógrafos e jornalistas, sem pudor. Estão todos expostos com sua dor e sofrimento, com toda a carga de emoção de uma homenagem póstuma.

O cacique Aritana é puxado diversas vezes para dar entrevista. O repórter da TV Globo indaga ao cacique: “Cacique Aritana, quer dizer que agora, neste exato momento, o espírito de Orlando Villas Boas está se incorporando ao tronco?”. O cacique responde: “Sim, o espírito de Orlando está chegando”. O repórter continua então, sem cerimônia. “Então, cacique, o que você tem a dizer para Orlando Villas Boas, que está presente aqui neste momento?” O cacique não se intimida e olhando para o centro da câmera numa total familiaridade com ela responde: “Eu quero dizer prá você Orlando, que você foi sempre muito importante para nós e que nós temos que continuar a nossa luta, que estamos muito preocupados com a devastação das cabeceiras do rio Xingu que ficaram fora do Parque, que precisamos incorporar estes lugares para que eles sejam preservados contra a ação predatória dos fazendeiros da soja e do gado, que estão desmatando e jogando remédio. Quando vem a chuva, desce tudo para o Parque. Esta é

uma situação muito grave para o índio e também para o não índio.” Estava dado o recado. De maneira inteligente, o cacique Aritana se apropriava dos novos elementos midiáticos e transformava o ritual do quarup também num ritual político de defesa dos seus interesses.

No centro da aldeia, o cacique dava seu recado e as principais atividades ocorriam. Nas casas, os índios se pintavam e se preparavam para a segunda parte da cerimônia: a luta do Huka Huka. Elementos tradicionais eram incorporados às exigências impostas pelos novos tempos. O eterno quarup dava mostras de sua contemporaneidade.

## Referências

BASTOS, Rafael José de Menezes. Ritual, história e política no Alto Xingu: observações a partir dos kamayurá e do estudo da festa da jaguatirica (Jawari). In: FRANCHETTO, B. ; HECKENBERGER, M. *Os povos do Alto Xingu: história e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

FRANCHETTO, Bruna; HECKENBERGER, Michael. *Os povos do Alto Xingu: história e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974. 2 v. \_\_\_\_\_